

Voando alto

» NILDA FELISBERTA CORREA DE FREITAS
Manequim e sócia da Sociedade Floresta Aurora



Nasci no interior de Cachoeira do Sul, no quilombo gaúcho de Cambará. Sou a quinta filha de 13 filhos de Manoel e Luiza Correa. Fui alfabetizada no quilombo, onde estudei até a quarta série, seguindo até a oitava em Cachoeira do Sul. Sempre sonhei voar alto, imaginava aviões e eu lá no alto, sendo resgatada. Pensava em sair do meio do mato, porque tinha muitos afazeres desde pequena, principalmente com os cuidados dos meus irmãos menores e trabalho no campo. Trabalhei como doméstica desde os 12 anos de idade e, em 1962, com 14 anos, fui morar em Porto Alegre, onde fiz supletivo e concluí o segundo grau.

Em 1970 participei do concurso Rainha do Esporte, da Sociedade Floresta Aurora. O prêmio foi uma viagem a Montevideo, no Uruguai. Lá fiz eventos e aparições na TV. A repercussão rendeu autoconfiança e o desejo de fazer carreira como manequim. De volta a Porto Alegre, me inscrevi num curso de passarela, mas, sem condições financeiras, pensei em desistir. Foi quando a própria dona da empresa, vislumbrando meu potencial, recomendou que eu fizesse a inscrição num programa de televisão que “realizava sonhos”, chamado A caminho da grande chance, na TV Piratini — Canal 5. Aceitei a sugestão e me inscrevi para conquistar o curso de manequim.

A seleção tinha várias etapas, todas eliminatórias. Saí vencedora como manequim revelação, de prêmio, ganhei um guarda-roupa completo da loja Marinha Magazine, um tocacitas e o tal curso de manequim. Passei a desfilar por todo o estado. Era a primeira negra. Desfilei para várias grifes e em Porto Alegre para Milka, Ruy, Casa Masson, Casa Louro, Lojas Renner, Salem, Europeia, Tabajara, Lenart’s, Escosteguy, Tiarajú Modas, Viva Vida, Von Von, Casa Lú, Korrikan, Casa Ela etc.

Falar de racismo me é caro. Recordo situações desagradáveis. Sei que sobrevivi na passarela por ter garra, já que a discriminação corria solta. Desbravar era dolorido ao perceber por vezes que eu era atração por ser negra, não pelo meu talento. Ainda ficava sabendo pelas costureiras e por colegas que as lojas não queriam que eu usasse as roupas porque depois teriam dificuldade em vender ao saberem que tinham sido usadas por mim, uma negra. Os olhares eram discriminatórios, eu não era reconhecida como modelo fora das passarelas. Uma mulher alta como eu, negra e em ambiente não frequentado por negros sempre era constrangedor em função dos

olhares, da hostilidade e comentários.

Ainda e mais cruel, era ir aos ensaios que eram realizados durante a tarde nos clubes das cidades, para os desfiles à noite. Quando chegava para entrar no ensaio, era barrada, sobalegação de que não era sócia. Eu sabia que não era por isso, não arredava pé e entrava. Sofria sozinha e calada, mas certa que aquele era o lugar onde queria estar. Em todos os momentos e em todas as ocasiões busquei afirmar meu valor, mas, apesar disso, as oportunidades e o reconhecimento eram limitados, pois nunca fui a noiva nos desfiles, que é a coroação para os manequins.

Eu me superava. Até calçados 38/39 usei, quando calço 40/41. Eu caminhava rápido, ap assos largos para não mancar e não perceberem. Eu queria estar ali a qualquer custo. Ainda, as roupas mais bonitas nunca eram destinadas a mim, mas quando eu entendia a mensagem subliminar, meu sonho de voar alto me acordava e eu fazia um grande desfile para vender a roupa, e conseguia. Isso me realizava.

Nem sempre eu recebia cachê. Às vezes, era recompensada com roupas. Se havia diferença de valores nos cachês, eu não ficava

sabendo. Eu estava no meu alto voo. A realização foi quando pude sobreviver e garantir o sustento de minha família com minha profissão. Eu me sindicalizei logo que o sindicato foi criado e, para minha alegria, era dirigido por Celso Luiz Rodrigues, um negro. Até 1974 era somente eu de negra nas passarelas. Logo veio a Isabel Brito.

Mesmo pensando em desistir nas vezes em que a pressão era intensa, eu pensava: plantei uma semente com tanta vontade que sei do meu sucesso e minha família e eu colhemos os frutos. Não podia deixar de dizer que minhas conquistas tiveram apoio incondicional de minha família, em especial meu marido Valderli Freitas, meu filho Victor e meus netos Betina e Bernardo. Tenho muitos agradecimentos a fazer. Um deles é a minha produtora e amiga Nereidy Alves, que me ajudou com esse texto.

Hoje, aposentada pelo INSS e com 73 anos na ativa, mantenho a mesma linha elegante, exercendo atividades de convívio familiar e social, com intensa agenda de eventos, apesar de um AVC que me deixou suaves sequelas em 1993. Continuo voando alto.

Lampião, herói ou bandido?

» CARLOS NOGUEIRA
Coronel da reserva do Exército e bacharel em direito

Em recente viagem que fiz ao interior do Nordeste, visitei alguns museus e lugares dedicados à temática do cangaço nos estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Nesses locais, ouvi dos guias turísticos e li nos quadros afirmações como: “Os cangaceiros foram vítimas do sistema”, “Lampião foi um Robin Hood do Nordeste, que roubava dos ricos para dar aos pobres”, “O cangaço foi a luta dos pobres sertanejos oprimidos contra ricos coronéis opressores”, “Meninas-moças aderiram ao cangaço embebedicadas pela pujança e pelas festas”. Tais afirmações me causaram surpresa, pois distorcem completamente a realidade dos fatos. Logo deduzi que há uma narrativa desvirtuada de transformar Lampião em um herói do povo.

A verdade histórica é que o ciclo do cangaço se originou na Região Nordeste no século 18 e não passou de um meio de vida criminoso de homens foragidos e com sede de vingança, que buscavam o enriquecimento ilegal por meio de violentas ações de sequestros, roubos, torturas, extorsões, estupros e assassinatos, praticadas com extrema crueldade indistintamente contra homens e mulheres, pobres e ricos e nada teve de luta de classes. Atualmente, organizações criminosas do tráfico e da milícia adotam semelhante modus operandi.

Para demonstrar a realidade de Lampião e do cangaço, descrevo, em apertada síntese, alguns fatos:

Lampião e seus comandados se aliaram a vários coronéis dos sertões, que lhes davam guarda e lhes forneciam armas e munições a troco de proteção e serviços de pistolagem contra os desafetos, a exemplo dos coronéis e chefes políticos Petronilo Reis, João Sá, Audálio Tenório, Antônio Caixeiro, João de Carvalho, Manoel Brito entre tantos outros.

Extorsões mediante cerco e saques de pequenas cidades, vilas, povoados e fazendas eram as formas mais comuns de a cabroeira obter ganhos financeiros. Os sertanejos cercados, indefesos, ameaçados e humilhados eram obrigados a entregar aos cangaceiros o pouco dinheiro que economizavam para não serem mortos e terem os bens incendiados e destruídos. Havia, ainda, a ameaça de estupros coletivos.

Assim ocorreu nas cidades de Piranhas (AL), Souza (PB), Água Branca (PB), Santa Cruz da Baixa Verde (PE), Tupanaci (PE), Cabrobó (PE), Ouricuri (PE), São José do Belmonte (PE), Mossoró (RN), Capela (SE), Canindé (SE), Pedra Branca (BA), Queimadas (BA), Mirandela (BA), entre outras. Nessas ações, os policiais que fossem capturados vivos enfrentavam a morte por sangramento com punhais, à semelhança do abate de caprinos, em um ritual que envaidecia Lampião.

No rastro dos crimes, Lampião e seus chefes subordinados amealharam grandes quantias em dinheiro e em joias, que levavam consigo ou deixavam sob a guarda de coiteiros e coronéis aliados, ou compravam terras e fazendas. Na grota dos Angicos, local onde Lampião, Maria Bonita e nove cangaceiros foram mortos, a Polícia de Alagoas encontrou quase quatro quilos de ouro, além de farta quantidade de dinheiro em espécie.

O rapto de meninas-moças por cangaceiros era comum. Dadá foi raptada por Corisco aos 12 anos, diante dos pais desesperados, sendo estuprada na mesma noite do sequestro e mantida por 3 anos em cativeiro como escrava sexual do bandido antes de ser obrigada a acompanhar o bando. Também foram raptadas: Sila, aos 11 anos, por José Baiano, e Dulce, aos 15 anos, pelo cangaceiro Criança.

O nível de maldade dos cangaceiros contra as infelizes almas que lhes caíam nas mãos era digno dos piores psicopatas. Lampião se divertia às gargalhadas ao mandar suas vítimas correrem antes de serem abatidas com tiros pelas costas. José Baiano, o raptor de Sila, costumava marcar com ferro em brasa as letras “JB”, no rosto, nádegas e virilhas das mulheres que usavam cabelos curtos. Por mera suspeita de colaborar com a polícia, um senhor teve os olhos arrancados a faca por Lampião, antes de ser executado. Pobre, idoso e doente, José Alves Nogueira foi assassinado covardemente com um tiro de fuzil pelas costas por Antônio Ferreira, irmão de Lampião, antes de lhe roubar as alpercatas. O jovem Pedro José foi castrado pelo cangaceiro Virgínio às vésperas do casamento, em virtude de um pequeno desentendimento. Por causa de um bilhete forjado, Lampião e seus cangaceiros massacraram 12 pessoas de uma mesma família de pequenos agricultores.

Nas décadas de 1920 e 1930, o flagelo do cangaço que se abatia sobre a sociedade sertaneja nordestina teve grande repercussão na imprensa nacional e internacional. Em 1931, o jornal americano *The New York Times* publicou uma matéria que classificava Lampião como o maior bandido da América do Sul. A gravidade era tal que cinco propostas de combate ao cangaço pelo governo federal foram apresentadas por deputados nordestinos na Assembleia Nacional Constituinte de 1934.

Os fatos acima descritos estão registrados em farta bibliografia por renomados historiadores. Assim, considerando-se que diante de fatos não há argumentos, não há outra resposta à questão formulada no título deste artigo que não seja Lampião foi bandido.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Atoleiros pelo caminho

Em algum momento de nossas vidas, haveremos de nos deparar com atoleiros, que impedirão o avanço em qualquer direção. Do mesmo modo, governos e nações enfrentam essas barreiras e imprevistos. O jeito é parar e refletir tanto sobre os caminhos que nos levaram ao brejo, quanto os meios capazes de nos retirar desse impasse que, por um tempo, parece nos tragar como areia movediça.

Em situações como essa, quanto mais você se move e age de modo irracional, mais afunda. O Brasil e os brasileiros estão nesse momento imersos nesse tipo de pântano sem fundo. Há uma espécie de inconsciente coletivo, herdado de nossa história colonial comum, que, com sua mão invisível, nos conduz a esses espaços abissais, onde não podemos nos mover, sob pena de complicar, ainda mais nossa situação de momento.

Às vésperas das eleições gerais, essa é a situação atual da nação. Não há respostas prontas ou soluções fáceis. Um olhar distante sobre nossas fronteiras, mostra que outras nações e governos estão nesse momento mergulhados em seus atoleiros.

Na Europa, de modo geral, é ao que se assiste. Mais a leste, a Rússia encontrou seu atoleiro. Não por acaso, uma vez que foi em busca dele. A guerra particular de Putin contra a Ucrânia se mostra um enorme atoleiro para as tropas russas. Curiosamente, a Ucrânia é, por sua configuração geológica, repleta de áreas onde existem essas traçoceiras areias movediças. O melhor da juventude russa e ucraniana vai sendo dizimada nesse conflito insano. Seguir em frente com essa guerra, que conta com a ajuda militar e de armas de outros países, é afundar, ainda mais nesse pântano, conduzindo o mundo para um conflito generalizado e sem vencedores.

Também a China, a exemplo dos russos, mira seu atoleiro, na ilha de Taiwan. Os Estados Unidos também conheceram o seu pântano, quando enviaram suas tropas para o Vietnã. Precisaram sair às pressas, com as calças nas mãos.

Em nosso continente, muitas são as nações que se encontram agora atoladas e imóveis em seus brejos. Venezuela, Argentina, para ficar apenas nesses dois países, vão afundando aos olhos de todos. Os motivos e as causas são conhecidos e, mesmo assim, não foram evitadas a tempo. Também em nosso caso particular, as causas e motivos que permitiram e nos lançaram nesse atoleiro são conhecidos.

Num sentido figurado, é como você soltar uma cobra venenosa dentro de uma sala escura, apertada e cheia de gente. Salve-se quem puder. Ou seja, salvam-se apenas aqueles que, por sua força bruta, podem escalar pontos mais altos, usando as costas dos mais fracos. Num ambiente hostil dessa natureza, ficar imóvel pode representar um verdadeiro movimento para a salvação.

Assim como a Rússia se deparou com seu atoleiro ao invadir a Ucrânia, encontramos também nossa areia movediça ao entrarmos, de cabeça, no campo da política sem ética e da disputa pela disputa.

» A frase que foi pronunciada

“A história nos desafia para grandes serviços, nos consagrará se os fizermos, nos repudiará se desertarmos.”

Ulysses Guimarães

Cidade

» Pessoal queimando folhas no próprio terreno asfixia os vizinhos. A falta empatia e de chuva está deixando Brasília uma cidade diferente do que era.

Passeio

» Entre 9h e 17h deste domingo, a Força Aérea de Brasília ficará aberta para receber a população com diversas atrações.

Reforma

» Mais transparência às atividades. Esse é o intuito da Lei 13.709/18, conhecida como Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). A Corregedoria Nacional de Justiça deu 180 dias para que os cartórios tomem as providências para modificar os procedimentos técnicos e adotar as novas medidas estabelecidas.

Sem respostas

» Por falar em LGPD, *Jusbrasil* é um portal destinado à publicidade de atos dos tribunais. A diferença é que a busca nos portais da Justiça é mais detalhada. O *Jusbrasil* rasga a vida do cidadão até com dados mortos, que ficam expostos ao público depois de terem sido resolvidos. No Reclame Aqui é uma enxurrada de protestos. Retirar as informações do portal? Impossível. E o pior: se quiser ter acesso a mais detalhes do que já está disponível pelos tribunais, há que se desembolsar por volta de R\$30 por mês.

» História de Brasília

Atrás da escola há um boteco. Os bêbados ficam soltando palavrões, e as professoras procuram superar os nomes feitos com os ensinamentos em voz mais alta. (Publicada em 10/3/1962)